

A POESIA AMAZONENSE DE VIOLETA BRANCA E SEUS ANSEIOS POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS

Sideny Pereira de Paula¹
Universidade Federal do Amazonas

RESUMO

Este trabalho não versa sobre a poesia em si, mas sim a história da poesia no Amazonas e mais precisamente sobre a poeta amazonense Violeta Branca, cuja obra até a bem pouco tempo permanecia quase esquecida pelo meio literário. Nada mais justo para homenagear essa que foi a primeira mulher a ingressar em uma Academia de Letras, do que escrever um artigo sobre seu livro de poemas. Passados mais de cem anos de seu nascimento, grande foi a minha surpresa ao constatar que uma quantidade mínima de trabalhos de relevância foi encontrado sobre sua obra, o que é lamentável, diga-se no mínimo, já que foi por meio de Violeta Branca que se deu a primeira manifestação poética de uma mulher na literatura amazonense. Este artigo tem como principal apoio teórico, a obra escrita pelo professor Marcos Frederico Kruger Aleixo, *A Sensibilidade dos Punhais*, que, no livro de número um, faz profunda análise da obra da poeta. Complementa-se o suporte teórico com o livro de Péricles Moraes, *Os Intérpretes da Amazônia*, e a pesquisa em jornais de época e em uns poucos *blogs* que fazem referências rápidas a Violeta Branca.

PALAVRAS-CHAVE: produção poética de mulher no Amazonas, O modernismo de Violeta Branca, o rio e o mar, *Ritmos de inquieta alegria*, Violeta Branca.

ABSTRACT

This work is not about poetry itself, but rather the history of poetry in the Amazon and more precisely on Amazon poet Violet White, whose work until very recently remained almost forgotten by the literary world. Nothing more just to honor that which was the first woman to join an Academy of Letters, writing an article on his book of poems. More than one hundred years of his birth, great was my surprise to find that a minimum amount of work or items of relevance was found on his work, which is unfortunate, tell yourself at least as it was by Violet White who first gave poetic expression of a woman in the Amazonian literature. This article's main theoretical support, written by Professor Mark Frederick Kruger Aleixo, work the sensitivity of the Long Knives, which, in book number one, do deep analysis of the work of the poet. Complements the theoretical support to the book of Pericles Moraes, *Interpreters of Amazon*, and research papers on time and in a few blogs that make quick references to Violet White.

KEYWORDS: Poetic production in the Amazon woman, Modernism Violet White, the river in the sea, restless rhythms of joy, Violeta Branca.

INTRODUÇÃO

A poesia é umas das formas de expressão que denotam mais sensibilidade pelos autores, pois além de demonstrar um estado de espírito, é resultado da interação do meio com o autor. A temática é universal, as formas de expressão evoluem à medida que os autores retratam seu modo de vida nesse mundo de constantes transformações, o academicismo do passado,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFAM.

atualmente, não mais é obrigatório. Assim, a poesia amazonense passou por vários momentos, entretanto, a temática ambiental continua sendo destacada pelos autores, mas não foi assim com uma, em especial, ela não se valeu dessa temática com fonte principal de inspiração para compor seus poemas, isso em plena década de 30.

A história da literatura amazonense tem sido amplamente comentada por vários autores envolvidos com a cultura do Amazonas (KRUGER E TELLES, 2006), e nela predomina a produção masculina, tanto na poesia, como na prosa, incontestavelmente. Porém, o legado literário de nossas escritoras, mais especificamente nossas poetisas, não tem merecido ainda um capítulo. Por ser um tema pouco difundido na literatura amazonense, considerei oportuno pesquisar sobre a poesia escrita por mulheres amazonenses por sua pouca visibilidade no ambiente literário. Sendo assim, o objetivo desse estudo é dialogar um pouco sobre a poesia feminina no Amazonas, tendo como foco a poeta Violeta Branca e sua obra *Ritmos de Inquieta Alegria*.

A metodologia utilizada para realizar esse trabalho foi, principalmente, a de levantamento bibliográfico e conversas com pessoas que conheceram Violeta e alguns de seus familiares que ainda residem na cidade de Manaus, pois seus filhos estão no estado do Rio de Janeiro, onde a poeta viveu até sua morte. Entrevistas com personalidades envolvidas com a cultura amazonense também estão incluídas, como o cineasta Cleinaldo Marinho, que produziu um espetáculo teatral sobre *Ritmos de Inquieta Alegria* e se dispôs a me passar todos os contatos com os familiares de Violeta. Outras informações foram obtidas por meio de consultas aos profissionais da área literária, feitas pessoalmente ou por meio eletrônico e usadas como reforço.

Não pretendo aqui proclamar a superioridade da mulher na literatura, mas sim usar a própria literatura, em especial a amazonense, para mostrar o quanto a poesia da mulher ainda está no lado mais baixo da balança em termos de produção, se a compararmos à produção poética masculina.

A luta da mulher por seu espaço no campo profissional, incluindo o literário, é árdua e tem sido amplamente comentada por escritores, sociólogos, educadores e diversos outros profissionais envolvidos com essa temática. O papel de esposa e mãe, definido desde a origem do ser humano e imposto pela sociedade, tem sido uma espécie de selo invisível que a mulher leva estampado na testa desde sua primeira existência, mas que com o passar dos anos vai também desbotando.

Talvez se Violeta Branca não tivesse vivido em um contexto social repressor em relação a mulher, a qualidade e a quantidade de sua produção literária tivesse se aperfeiçoado à medida que fosse escrevendo, por isso que me valho aqui de comentar sobre essa questão de que o momento em que ela viveu não era propício para que a mulher exercitasse seu lado poeta e muito menos seu lado profissional. A esse respeito Jussara Neves Rezende assim comenta:

Sabe-se que as primeiras escolas voltadas à educação feminina preocupavam-se em ensinar prendas domésticas e as únicas leituras que incentivavam eram a da Bíblia, dos livros de culinária e de romances água-com-açúcar – obras bem diferentes dos textos filosóficos, históricos e científicos com que os rapazes se educavam. Assim sendo, como esperar que os textos produzidos por mulheres fugissem do óbvio, do lugar comum, do sentimentalismo? Apresentados nos saraus lítero-musicais de fins do século XIX, acompanhados de torradas e chá, os poemas das primeiras escritoras serviram muitas vezes como motivo de riso aos homens presentes, que passaram a associar o feminino da palavra poeta a essa produção literária de baixa qualidade. (REZENDE, 2008, p. 08.).

Ainda no Século XIX, a vida da mulher permanecia estática e limitada às agulhas, panelas, lençóis e leite materno, devido às pressões políticas, econômicas e sociais. À medida que esse conjunto pressionador se modificava no decorrer da história, a mulher conquistava seu espaço e trazia para seu universo os livros e a escrita, sempre disposta a enfrentar os desafios e inserir seu nome na historiografia de sua época, mesmo que ainda timidamente. O contexto social em que Violeta vivia era extremamente voltado para a figura masculina, em uma época em que as jovens eram preparadas para o casamento e casavam-se muito cedo, se comparado com a idade em que as mulheres se casam atualmente. Péricles Moraes assim se pronuncia sobre Violeta Branca:

...Mulher, antes de tudo, profundamente mulher, da cabeça aos pés, nada mais natural que, como todas as mulheres, houvesse sentido essa tragédia da alma, onde se encontram em conflito as aspirações instintivas do coração e as exigências do espírito que quer viver acima da vida. Não se iludem os deuses quando julgam que o amor seja um privilégio da divindade? Violeta branca era mulher e, para completar a harmoniosa estrutura dos seus ademanes, não lhe faltaram sequer a inconstância, a versatilidade e a inteligência de todas as mulheres. (MORAES, 2001, p.107).

Na época em que ela publicou *Ritmos de Inquieta Alegria*, as moças se casavam aos quinze ou dezesseis anos e casar-se com mais idade era quase impossível, então diziam que as jovens que não se casassem nesse período ficariam pra "titias", o que era um termo depreciativo, já que para aquela sociedade o principal papel da mulher era casar-se, gerar

filhos e cuidar do marido e da casa. É visível na obra de Violeta "*Ritmos de Inquieta Alegria*" o anseio por libertar-se desse ciclo imposto à mulher, ela, através da simbologia de seus poemas, passa claramente a vontade de "joga-se em outros mares", em outras águas mais distantes, amplas. Jucelem G. B. Ramos, em sua obra, exemplifica bem esses papéis do homem e da mulher no casamento:

Dessa forma, a dominação masculina inscreve-se nos corpos, na objetividade. Na divisão social do trabalho, por exemplo, explicita-se na distribuição escrita das atividades distribuídas a cada um dos sexos especificando o local, o momento e os instrumentos. Vemos aqui que o homem compete o trabalho com o objetivo de promover o sustento da família. Para a mulher, o trabalho deve se efetuar no espaço da unidade doméstica ou, quando se realiza fora, tem a função de complementar a renda familiar. Na estrutura dos espaços sociais, a casa é onde a mulher mais se "distingue", não obstante a permanência dela de espaços "sexuados", como a cozinha, a sala de estar, o quarto de casal. Já nos espaços externos (a rua, o comércio, os bares e restaurantes, os lugares públicos em geral) os seus movimentos são mais limitados e controlados" (RAMOS, 2003, p.162).

Esse era o contexto social da mulher à época de Violeta, tanto o era, que após ela se casar e passar a residir na cidade do Rio de Janeiro, tornar-se dona de casa e mãe, só voltou a escrever poemas e a publicá-los muitos anos depois da publicação de *Ritmos de Inquieta Alegria*, e com a opinião unânime dos críticos de que é uma obra menor. Parece que seus anseios por mares nunca dantes navegados se afogaram nos turbilhões da rotina esposa-mãe-dona de casa, que tolheu sua veia criativa. Será?

PRODUÇÃO POÉTICA DA MULHER NO AMAZONAS

É importante definir aqui algumas palavras-chave. Na *Antologia poética da mulher amazonense*, Du Silvan (1984), define mulher amazonense como aquela que é “filha de nossa terra (seja de nascimento ou de coração)”. A terra a que se refere o autor é o Estado do Amazonas; portanto, trata-se da mulher nascida no Amazonas ou que possui afinidade com esse estado, e que praticou ou pratica a arte poética. Outro termo que precisa ser esclarecido neste artigo é poeta, definido no *Dicionário Aurélio* (1986) como "qualquer indivíduo que faz versos". Usamos aqui "poeta" em detrimento de "poetisa". Como, então, diante de uma escritora que poetou com enorme fôlego, como Cecília Meireles, por exemplo, empregar a palavra poetisa? considerando que a mulher que escreve poemas pertence a esse conjunto.

Jussara Neves Rezende, em seu artigo intitulado *Em defesa do uso da palavra “poetisa”*, propõe:

Há alguns anos publiquei um artigo intitulado “Poeta ou poetisa?”, no qual defendia o uso do vocábulo “poeta” para designar a mulher que escreve versos. Naquela ocasião, preocupava-me o sentido meio pejorativo que, ao longo dos anos, impregnou a palavra poetisa. Como eram os homens os únicos a terem acesso à educação, as mulheres geralmente não escreviam nada. Percebem? Era esta a dúvida que me moveu a escrever o texto a que acima me referi. Servi-me, na ocasião, do nome de Otto Maria Carpeaux para validar o que eu dizia. Em um artigo de 1964 ele chamara de “burrice” o uso do feminino da palavra poeta, afirmando que os poetas não têm diferença de sexo, pois a diferença existe apenas entre os que sabem ou não sabem fazer versos. “Cecília Meireles”, observou Carpeaux, “não é poetisa. É poeta.” (REZENDE, 2008, p. 08.).

Cabe, ainda, esclarecer que o termo "poesia amazonense" se refere ao conjunto de poemas escritos e publicados por poetas (homens e mulheres) locais durante os períodos literários passados e atuais, amplamente discutidos em obras de estudiosos da região, tais como Jorge Tufic (1983).

A POETA VIOLETA BRANCA

Violeta Branca Menescal de Vasconcelos nasceu em Manaus no dia 15 de setembro de 1915 e faleceu no Rio de Janeiro em 7 de outubro de 2000. Passou a fazer parte da Academia Amazonense de Letras pouco tempo depois de ter publicado sua primeira obra, ocupando a cadeira de número 28, anteriormente ocupada pelos poetas Raimundo Monteiro, Hugo Bellard e Américo Antony, e que teve como patrono o poeta Annibal Theóphilo. Obra poética: *Ritmos de Inquieta Alegria* (1935) e *Reencontro: Poemas de Ontem e de Hoje* (1982).

Quando Violeta Branca publicou *Ritmos*, em 1935, surpreendeu a todos pelo lirismo e espírito ousado expresso nos temas abordados e nas características modernistas na obra. Isso tão jovem e com a inexperiência própria das moças de sua época, o que não lhe foi empecilho para extravasar volúpia em seus poemas, mesmo correndo o risco de cair em "desgraça social", devido à hipocrisia própria de sua época, década de 30, que esperava uma atitude pura e virginal de suas "boas moças". *Ritmos de Inquieta Alegria* compõe-se de poemas em que se destaca a ânsia de vida e liberdade, associados a um forte desejo de descoberta dos mistérios do mundo. Segundo Jorge Tufic:

A partir de 1930, portanto, fraquíssimos eram ainda os reflexos da Semana de Arte na literatura amazonense. Contam-se a dedo os nomes que defendiam a Escola moderna. Mas ocorre aí um fato bastante singular na vida literária de Manaus, talvez inexplicável sob o ponto de vista da coerência intelectual: em 1935, a poetisa “modernista” Violeta Branca publica no Rio de Janeiro, seu livro de poemas “Rythimos de Inquieta Alegria” e, dois anos depois, consegue eleger-se membro da Academia Amazonense de Letras. O fato assume um tom de saborosa incoerência, de vez que a poetisa, além de modernista, e como tal deslocada no meio acadêmico, fora a segunda mulher brasileira a figurar numa Academia. (Jorge Tufic, palestra proferida na noite de 21 de dezembro de 2012, no auditório da Academia Amazonense de Letras, em comemoração ao centenário de nascimento de Violeta Branca. Disponível em: jorgetufic.blogspot.com/2013/09/violeta-branca-e-sua-epoca_7.html).

Para quem não conhece, Violeta Branca foi uma das grandes representantes da poesia produzida no Amazonas e a primeira mulher a ingressar numa Academia de Letras no Brasil, em 1937. Raquel de Queiroz, em 1977, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, isso 40 anos depois da posse de Violeta na Academia Amazonense de Letras. Ela participou ativamente da vida cultural em Manaus e publicou outros poemas na Revista *A Selva*, do intelectual Clóvis Barbosa.

Logo após se casar, Violeta Branca vai para o Rio de Janeiro e, a partir daí, passa 47 anos sem uma nova publicação. Em 1982, publica seu segundo livro, *Reencontros*. A escritora Carmen Novoa Silva, membro da Academia Amazonense de Letras (AAL) e grande amiga de Violeta, ressalta que “a vida de Violeta é inspiradora, pois ela se destacou como escritora numa época em que as mulheres não eram tão respeitadas”. (Disponível em: jorgetufic.blogspot.com/2013/09/violeta-branca-e-sua-epoca_7.html). Moradora do Rio de Janeiro por anos, Violeta Branca representou o silogeu amazonense junto a Federação das Academias de Letras do Brasil. Nessa cidade, morreu em outubro de 2000. Dois meses depois, a Casa de Adriano Jorge, na presidência de Max Carphentier, efetuou sessão solene para celebrar a primeira mulher acadêmica. Nada mais justo. Marcos Frederico Krüger assim escreve sobre a poeta:

E foi exatamente por meio de Violeta Branca que se deu a primeira manifestação feminina na literatura amazonense. Seu mais importante livro - *Ritmos de inquieta alegria* -, lido à distância de mais de setenta anos, numa época de vulgarização da sexualidade, ainda transmite conteúdo erótico, revelador de um lirismo tenso e angustiante. (KRUGER, 2011, p. 29).

Essa sensualidade, esse lirismo descrito por Marcos Frederico Kruger, pode ser percebido nos fragmentos de *Poema das tuas mãos*, um de meus preferidos:

Na primeira estrofe percebemos a excitação do eu lírico pelo toque do amado, que o compara a execução da música, na definição de algo que a faz mergulhar em outras dimensões, que não o lugar onde se encontram:

As tuas mãos nervosas, quentes, largas,
harpejam nos meus sentidos
a música ideal da emoção.

Na segunda estrofe, enaltece mais uma vez o seu toque, dessa vez, descrevendo com cautela, o dedilhar que percorre o corpo, certamente em partes erógenas, gerando inquietação e prazer, onde cada tecla parece corresponder a uma nota, ou seja, cada toque, gera uma emoção diferente:

Para os teus dedos criadores,
sou o piano mágico vibrando
ao influxo de tua ardente inquietação.

Aqui, o eu lírico fala da tensão liberada pelo ato sexual, onde as angústias do cotidiano desaparecem, para gerar outras angústias, essas recebidas com prazer, causadas pelo toque do amado:

Tuas mãos frementes,
arrancam angústias sonorizadas
de meus nervos,
que se retesam como cordas harmoniosas.

Por mais que ela tente resistir ao toque dessas mãos, elas parecem dominar o seu eu de tal forma, a não mais atender ao pedido de negação, mas de maneira rebelde, atingem o orgasmo do eu poético, como poesia, envolvente e ritmada, provocando uma sensação de pecado, paganismo:

Tuas mãos imperiosas,
tuas mãos rebeldes,
cantam silenciosas aleluias de gestos,
quando compõem poemas de volúpia,
gritos incontidos de alegria pagã,

“...Por intermédio dos símbolos de uma arte sobrenatural, inerente às criaturas inumanas, já nos revelara muito dos segredos de seu fascínio.” Péricles Moraes (2001, p.107-108).

Praticamente sem controle das próprias emoções, o eu lírico se entrega totalmente ao prazer, embora comparando o toque a tortura, seu corpo é um teclado que numa canção de

piano, executada na mais ritmada e voraz corrida das mãos pelas teclas, é apenas o resultado do toque do compositor no instrumento, sem este toque propício, é nada mais que um piano, silencioso:

correndo ligeiras,
leves,
torturantes,
no teclado branco de meu corpo.
(BRANCA, 2004. p.86).

Neste poema o título nos remete ao eu lírico, que se concentra no outro, no gesto do outro, em uma bela analogia entre o ato sexual e a música. Os dedos do amado criam a música sensual, ela é o instrumento que vibra os sons ao toque dele. Assim, o amado compõe o poema de volúpia.

E segundo Péricles Moraes, em relação aos poemas de Violeta:

E outros mais, de ritmos indefiníveis, onde a vida rebrilha “como uma deslumbrante maravilha de músculos, sangue ardente e energia”. Às vezes, ao revés, na carícia sensual dos ritmos harmoniosos, transparecem, na agitação dos seus nervos, os estados inquietos do desejo e da libertação.
(MORAES, 2001. P. 120).

POR QUE VIOLETA BRANCA É MODERNA?

O modernismo na obra de Violeta Branca se dá pela sua ousadia de compor seus poemas com tanta liberdade de expressão sensual, o que não era normal para uma moça de sua época, daí vem a questão de se esclarecer bem o seu contexto social repressor para que se entenda o quanto ela, à princípio, se distanciou da “mocinha sonhadora”. Segundo Kruger (2011, p. 30),

Antes de mais nada, convém esclarecer o que entendemos por manifestações da poesia modernista no Amazonas. Consideramos Modernismo, no caso, como a prática do lirismo vazado em versos livres, porque, enquanto a obra de Pereira da Silva pode ser vinculada à Escola da Anta, que compõe o quadro geral brasileiro, a de Violeta abre trilhas bastante originais.
(KRUGER, 2011, p. 30).

Esse modernismo dos versos livres e da liberdade de se exprimir tão abertamente, é que faz de Violeta uma poeta à frente de seu tempo, no que concerne ao seu local de origem, à sua cidade natal; Manaus, capital do estado do Amazonas, tão isolado geograficamente do resto do Brasil, ainda atualmente tanto quanto àquela época.

O MAR, E NÃO O RIO DE SUA TERRA SEM MAR.

O mar, a água, é um tema muito recorrente na obra de Violeta Branca e representa, segundo alguns teóricos, o seu desejo de ampliar seus horizontes para além da cidade de Manaus, fazer parte de um contexto mais voltado para as artes, o que não era possível para ela. Marcos Frederico Kruger, em sua obra *A sensibilidade dos punhais*, descreve bem essa intimidade da poeta com o mar:

A fêmea desperta tem um sonho: conhecer o mar. Como não pode realizar esse desejo, devido à condição que, à época, era imposta às mulheres, qual seja, a de se destinarem apenas ao lar, faz um processo de transferência. Assim, deseja amar um marujo, um homem que saiba o que é a aventura de navegar. Mais do que nunca, essa mulher aprisionada encarna o lema dos argonautas, que Fernando pessoa adotou para resumir sua obra: “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Temos em mente que “viver” significa, nesse enunciado, resumir-se ao cotidiano, às tarefas inúteis que nos consomem e amesquinham a existência; navegar seria a adesão à liberdade. (KRUGER, 2011. p.30-31).

A água simboliza a origem da vida, a fecundidade, a fertilidade, a transformação, a purificação, a força, a limpeza. Elemento primordial, ela é considerada o ponto de partida para o surgimento da vida, ou seja, a origem e o veículo de toda vida. Violeta, a poeta, não queria se sujeitar ao seu provável destino, ela queria navegar pelas muitas águas do conhecimento e da liberdade que ela sabia não poder ser sua de uma maneira ou de outra, pois o casamento não lhe daria a liberdade tão sonhada, mas por outro lado, ficar “ilhada” na cidade de Manaus também não lhe traria muitas perspectivas de um futuro de aventuras.

A água, enquanto um dos quatro elementos, é um símbolo do sentimento, uma vez que as emoções também se encontram representadas na água. As ondas do mar correspondem ao movimento dessa emoção. É essa emoção que Violeta retira das águas, do mar. O rio da sua terra não a seduz a ponto de merecer destaque em sua poesia, enquanto amazonense, pois que para os dessa terra, o estar ligado ao rio é muito presente, talvez (quem sabe, talvez) esse rio, para ela, seria o estar presa em um contexto quase imutável e o mar seria a liberdade, a aventura.

“O mar, na poesia de Violeta, tem significados outros. Para Kruger (2011, p.31): A sua conquista, tão ardentemente ansiada, representa para o eu lírico, simultaneamente, o desejo de se realizar sexualmente e de ter, em alto nível artístico, o domínio da poesia.”

Não obstante, "Prahmanda", o "Ovo do Mundo" foi chocado na água e dele surgiu toda a criação. Na arte, a água pode simbolizar o inconsciente, sendo que o ato de entrar na água e dela sair possui uma analogia com o ato de mergulhar no inconsciente; enquanto que ser lançado à água é similar a ser entregue ao seu próprio destino. Além disso, para os vietnamitas do sul, a água tem simbologia regeneradora visto que está associado à poção de imortalidade. (<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/agua/>, acessado em 24/06/2014).

Esse mar representa a liberdade da poeta, seus anseios para o livre pensamento, o amor, a volúpia, o descobrir-se fêmea, sem as repressões tão cruéis às quais as mulheres eram submetidas à sua época de jovem. Também de acordo com Kruger:

Por isso, ela, exaustivamente declara: “Trago em mim a inquietação / de uma nau, que se afasta” (“Inquietação”, p. 29); “eu ansiosamente sorvo / o vento morno / que impulsiona as velas / brancas e sonhadoras, como a alma dos poetas” (“Exaltação”, p. 41); “Nasci tão longe de ti, mar / porém, tu, com a tua magnitude, / deste a tua bênção verde ao meu olhar...” (“Oração ao mar”, p. 47); “Piso a terra e não sinto a sensação do movimento. / Olho o mar / e nele me vejo desdobrada / em mil ondas sonoras e exaltadas” (“Afrodite”, p. 111). (KRUGER, 2011, p. 31).

Segundo a simbologia, o mar é o lugar das transformações e dos renascimentos, muito próximo ao simbolismo da água e do oceano, expressa acima de tudo um símbolo da dinâmica da vida. Um estado transitório, ambivalente, incerto, dúbio, que pode resultar em bem ou mal e ainda pode gerar vida ou morte.

Os gregos e romanos costumavam oferecer sacrifícios de cavalos e touros ao mar, num simbolismo de fecundidade. Para os místicos o mar simboliza o mundo e o coração humano, enquanto lugar das paixões. (Disponível em <http://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=mar>, acessado em 24/06/2014).

A OBRA POÉTICA DE VIOLETA BRANCA: RITMOS DE INQUIETA ALEGRIA

O livro inaugural de Violeta Branca representou um passo à frente, ao romper com o formalismo.” (In KRÜGER, 2011, p. 30)

E Kruger vai mais além ao afirmar que Violeta, nessa obra, revela toda a ânsia da mulher que se deseja "descoberta" por um homem, um "marujo" e o seu fascínio pelo mar, que ainda não havia conhecido à época em que o escreveu. O eu lírico é feminino e, através de

metáforas, expõe o despertar de sua sexualidade, como descrito no poema inicial, *Minha Lenda* (2004, p. 27, 28): No início, era uma vitória-régia, depois evoluiu para a condição de Iara, e finalmente Tupã concretizou o estágio final, transformando-a em mulher.

Essa fêmea desperta, tem o grande sonho de conhecer o mar. Esse mar, tão decantado nos poemas de Violeta, talvez represente o seu desejo de ampliar seus horizontes para além dos muros da cidade de Manaus, tão isolada e distante do que à época era considerada uma metrópole, e do resto do país (como já citado anteriormente), e onde a efervescência cultural acontecia, onde os pensamentos eram mais livres. Violeta sente-se presa a uma época e a um lugar em que a mulher era criada para ser esposa e mãe, nada mais. Isso é ruim para um espírito que se quer livre como o mar, que alcança todos os horizontes.

Também a análise de Marcos Frederico Kruger, vai reforçar que a terra em que o eu lírico se encontra aprisionado é parte integrante de seu ser e dele não tem como se libertar. Embora ela deseje o mar, sabe que é impossível a sua conquista, assim como era impossível à época em que a autora escreveu a obra, a mulher obter tal liberdade. Na antiquada sociedade manauara, a situação era bem pior do que no resto do país; a mulher não tinha voz e vez para extravasar sua criatividade artística, o que só era aceitável se vindo de um homem. Também segundo Kruger,

Em 1935, a sociedade amazonense era extremamente conservadora; por isso, o livro era para ter sido um escândalo à época de sua publicação, entretanto, não o foi. Provavelmente, não foi entendido em suas implicações eróticas nem no significado político decorrente dessa postura: a sexualidade como forma de libertação do indivíduo. (KRUGER, 2011, p. 44-45).

O que é notável quando analisamos a obra *Ritmos de Inquieta Alegria* é a percepção de que no decorrer da leitura, essa mulher representada pelo eu lírico vai desabrochando e amadurecendo para chegar a um ponto em que se percebe a sua modernidade, e também por sua visão da realidade, do amor não idealizado, não romantizado, mostrados através de seus sentimentos em relação ao amado, em que chega a um ponto em que admite até dividi-lo com outras mulheres. Vale ressaltar que a poeta era muito jovem à época em que escreveu este livro, que é maduro em beleza e lirismo.

Ritmos de Inquieta Alegria possui um total de 60 poemas e, segundo KRUGER (2011, P. 31 A 32), a leitura sequencial dos textos mostra que o livro tem implícitas cinco partes ou etapas: 1. A espera do amor (poemas 1 a 27); 2. A chegada do marujo e realização do amor (poemas 28 a 39); 3. Partida do marujo para nova viagem (poemas 40 a 49); 4. Retorno do

marujo e recomeço do amor (poemas 50 a 59); e 5. Separação definitiva (poema 60). (2011, p. 31-32).

A primeira etapa inicia-se com o poema *Minha Lenda* (p. 27-8) e termina com *Matinal* (p. 70-1). É a mais extensa e revela uma mulher cheia de anseios que sonha principalmente com o mar, que representa figurativamente o desejo do eu lírico de se realizar sexualmente. A segunda etapa inicia-se com o poema *Símbolo* (p.72-3) e termina com *Exaltação panteística* (p. 88-9). Entre eles, ocorre o clímax em *Barcarola*, momento da posse mútua entre os amantes, a consumação carnal. Depois, já na terceira etapa, o eu lírico está trilhando seu caminho solitário, já que o marujo precisa "navegar por outros mares" e conhecer novas plenitudes. Esse caminho se inicia com *Profecia* (p. 90) e termina com *Poema de amor marítimo* (p. 102).

A penúltima parte inicia-se com *Castália*, poema inspirado em *Castália*, fonte que ficava no monte Parnaso e dizia-se que suas águas davam inspiração poética, segundo a mitologia grega (p. 103) e finaliza com outro momento de clímax sexual, *Vendaval* (p. 114). Marcos Frederico Krüger esclarece que,

No texto, percebe-se o reencontro dos amantes: ele é a terra, ela é a água. Ocorre, no caso, um processo de *inversão*, coisa que se revelará absolutamente comum em todo o livro. Dessa forma, a amada, posto simbolizar a Amazônia, é que deveria ser a terra; já o marujo, ligado ao mar, seria a expressão da água. No entanto, quem bebia da água de Castália, virava poeta; por isso, realizando outra inversão, ela fala "no ritmo perfeito" dos versos do namorado, os quais foram recriados graças à "água doce" de seus olhos. Ora, na verdade, a mulher é que se realiza no gênero lírico, enquanto o amado é a inspiração. (KRUGER, 2011, p. 33).

Na última etapa, com o poema *Nostalgia* do mar percebe-se implicitamente a partida em definitivo do marujo. As cinco etapas marcam as fases da vida do eu lírico; o despertar da sexualidade, o amor, a dor, a perda, o amadurecimento, num fluxo contínuo, como assim o são as águas do mar: um ininterrupto ir e vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da poesia feminina no Amazonas, iniciada por Violeta Branca e continuada por outros nomes, como Rita Alencar e Silva, Aurolina Araújo de Castro, Astrid Cabral, Ana Célia Ossame, Maria José Hosanah, está ainda muito timidamente representada, mas nem por isso com menos qualidade, e é justo que lhe prestemos o devido valor e respeito, porque não é

fácil para quem escreve e produz poesia ou literatura viver disto no Brasil. Assim o é atualmente, em pleno século XXI, imagine então à época de Violeta Branca, nos anos 30.

Esse trabalho não se fez sob a ótica do feminismo, mas sob a ótica da realidade da mulher em Manaus e no resto do país. Mesmo depois do centenário de Violeta Branca, pouca coisa mudou; não se aprende sobre ela nas escolas, muito menos sobre Astrid Cabral ou algumas das poetisas citadas neste parágrafo.

O que eu aprendi sobre literatura e poesia no Amazonas, foi através dos ensinamentos dos professores, já como aluna do curso de Letras-Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Amazonas. Foi muito difícil levantar dados sobre Violeta por conta do muito pouco que se tem escrito sobre ela, que foi tão importante em sua época e que o é agora e que merece por sua obra, o justo reconhecimento.

REFERÊNCIAS

A CRÍTICA. *Violeta Branca, o poetismo de vanguarda*. Manaus, 16 de dezembro de 2010. Disponível em: http://acritica.uol.com.br/buzz/manaus-amazonas-amazonia-AAL_0_390561083.html

A simbologia da água. Disponível em: <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/agua/>, acessado em 24/09/2014.

A simbologia do mar. (Disponível em <http://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=mar> acessado em 24/09/2014).

BLOG de Jorge Tufic: *palestra proferida na noite de 21 de dezembro de 2012, no auditório da Academia Amazonense de Letras, em comemoração ao centenário de nascimento de Violeta Branca*. Disponível em: http://jorge-tufic.blogspot.com.br/2013/09/violeta-branca-e-sua-epoca_7.html

BRANCA, Violeta. *Ritmos de Inquieta Alegria*. Manaus: Valer, 2004.

BULFINCH, Thomas. Tradução de David Jardim Júnior. *O livro de ouro da mitologia - Histórias de Deuses e Heróis*. 26ª edição. Rio de Janeiro, 2002.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.

KRUGER, Marcos Frederico. *A sensibilidade dos punhais*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2011.

MORAES, Péricles. *Os intérpretes da Amazônia*. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2011.

RAMOS, Jucelem Guimarães Belchior. *A Representação Social da Mulher - no contexto da relação conjugal violenta na cidade de Manaus*. Recife: Bagaço, 2003.

REZENDE, Jussara Neves. *Blog Overmundo*. Disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/overblog/em-defesa-do-uso-da-palavra-poetisa>.

SILVAN, Danilo Du. *Antologia Poética da Mulher Amazonense*. Disponível em: jorge-tufic.blogspot.com/.../violeta-branca-e-sua-epoca-jorge-tufic.html

TELLES, Tenório & KRÜGER, Marcos. (org.). *Poesia e Poetas do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2006.

TUFIC, Jorge. *Roteiro da Literatura Amazonense*. Manaus: Casa Ed. Madrugada, 1983.

-----Violeta Branca e sua época. Disponível em: jorge-tufic.blogspot.com/2013/09/violeta-branca-e-sua-epoca_7.html. Acessado em: 18 de junho de 2014.

Recebido: 20/09/2014
Aceito:02/10/2014